

# Editorial / Editorial

A crescente polarização de ideias não é um fenômeno exclusivo do Brasil; acompanha a tendência mundial em que se torna cada dia mais banal a manifestação do ódio, direcionada não apenas contra certa perspectiva teórica identificada genericamente como de esquerda, mas às pessoas que estão no limiar da existência por sua condição étnica, de classe social, afetiva e/ou de gênero. Parece haver uma clara predominância de um pensamento totalitário nas sociedades contemporâneas. Representantes da academia, da mídia, dos partidos políticos e dos movimentos sociais, entre outros, têm se debruçado sobre o fenômeno social da emergência, até certo ponto desconcertante, de uma chamada “Nova Direita”. O que há de ineditismo neste fenômeno? Que elementos determinantes são semelhantes à ideologia e à atuação fascistas? Como se combinam a apropriação dos símbolos nacionais e o enfraquecimento da soberania do Estado-nação? O nacionalismo continua sendo mobilizador da política e da sociedade? É este fenômeno transitório, um novo arranjo das elites? Ou seria uma nova faceta de arranjos totalitários do capitalismo? Como reagem os segmentos populares? Se as perguntas são muitas, poucas respostas tendem a aprofundar os dilemas que vivemos no mundo e nas Ciências Sociais.

Abrimos este número de *Tensões Mundiais* com as reflexões de Otávio Velho, que explora a contemporaneidade da obra de um instigante sociólogo húngaro, Karl Mannheim, que fez parte do círculo de Lukács e foi próximo de Adorno e Horkheimer. Em *Ideologia e Utopia*, cuja primeira edição data de 1929, o autor critica a aversão às ideias em um meio acadêmico dominado pelo pragmatismo, que peca por sobrevalorizar a pesquisa empírica em detrimento de conceitos fundamentais para o conhecimento científico. O presente artigo constitui um roteiro de busca para examinar os dramas políticos e sociais que nos afligem, em comparação

com o que afirma Mannheim para sua época, ao problematizar o sentimento de desencanto com o determinismo reducionista predominante na geração de intelectuais do período entre guerras. Assim como no passado quanto no presente, o fascismo só se interessa pelo que possa despertar o entusiasmo das massas e a sua manipulação. Focalizando no que ocorre hoje em dia, particularmente entre nós, Otávio Velho observa a centralidade da relação racionalidade *versus* irracionalidade no pensamento mannheimiano e conclui que a construção de acordos sociais básicos, como os de solidariedade, cidadania e hábitos da sociabilidade, colaboram para avivar nossa sociedade e nossa teoria social.

Os artigos seguintes abordam aspectos da conjuntura econômica no período compreendido entre 2015 e 2017, com amplas repercussões sociais e políticas. Pierre Salama trata do sistema de pensões fruto de uma reforma previdenciária que tem como objetivo garantir privilégios de setores como militares, juízes e parlamentares, em detrimento das categorias vulneráveis de trabalhadores. O pesquisador observa que duas das maiores economias latino-americanas, Argentina e Brasil, sofrem uma desaceleração do crescimento com repercussões em termos de efeitos sociais perversos, ou seja, da crescente pobreza da população. No entanto, boa parte dos analistas econômicos tende a não expor as falhas da política neoliberal. Eles consideram que a desigualdade de renda resulta de excesso de impostos, produzindo exclusão, e que a solução estaria em diminuir a carga tributária cobrada pelo Estado, para estimular os investimentos privados. Argumenta Salama que isso é um mito e defende, com base em análise de dados demográficos, um sistema de aposentadoria que favoreça a solidariedade entre gerações e não um sistema de capitalização, no qual prevaleça o compromisso individual e o controle do mercado financeiro sobre as contribuições ao fundo de pensão.

Já Daniel Zirker e Oscar D’Alva discutem o uso seletivo das estatísticas econômicas pelos jornais brasileiros, com o claro intuito de construir uma narrativa única e benéfica ao neoliberalismo. A grande mídia tem um papel ativo na conformação de tendências da economia, mediante o uso de estatísticas e expressões carregadas de sentido, tais como: desemprego, inflação e produto interno

bruto. O uso seletivo dessas estatísticas e expressões surge, principalmente, em campanhas políticas de âmbito nacional. Zirker e D'Alva trazem importantes *insights* para compreender o papel dos meios de comunicação impressos, a partir de duas hipóteses: de que há um alto grau de convergência na frequência e no tempo dos assuntos tratados em três dos principais jornais brasileiros; e de que a menção às variáveis econômicas não corresponde a mudanças objetivas, mas a períodos de acirradas disputas políticas. A investigação empírica em coleções digitais desses meios de comunicação revela aspectos da produção de narrativas para moldar e reforçar as percepções do público, de modo a manter as estruturas de poder.

Essas narrativas hegemônicas também se impõem pela violência, em suas múltiplas formas, como no caso das comunidades indígenas, forçadas a abrir mão de traços característicos de seus modos específicos de viver, sentir e agir. Compreender como os povos originários vêm resistindo, ao longo de séculos, às tentativas do Estado brasileiro de negar sua autodeterminação, com base em paradigmas coloniais que sustentam as atuais relações políticas, sociais e jurídicas, constitui o objetivo do artigo de Maria Augusta Assirati (que já presidiu a Fundação Nacional do Índio - FUNAI) e Gustavo Guerreiro. Os indigenistas alertam para o avanço do agronegócio, nas terras indígenas; a sua crescente influência política no Brasil; e a urgência de reconstruir nossas memórias e reformar as instituições nacionais, respeitando as diversidades socioculturais.

A diversidade cultural em Guiné-Bissau é o tema de estudo de Larissa Gabarra e Salomão Focna. Os colegas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) tomam como ponto de partida uma festa nacional, o Carnaval do *Nturudu* (um tipo de máscara gigante e assustadora), para examinar a construção da identidade nacional bissau-guineense, no período pós-independência. Considerada a maior manifestação cultural do país, o carnaval revela expressões culturais materiais e imateriais de diversos grupos étnicos. É o espaço que une a nação bissau-guineense como um fenômeno imaginário e uma das bases que sustenta o Estado, mesmo em uma situação de instabilidade

política. Os autores acreditam que estudos de caso que tratem do sentimento de pertença nacional podem iluminar a complexa discussão sobre nação e etnia.

Integrantes do grupo África-Brasil da UNILAB, Ercílio Langa e Paula Sacavinda, apresentam um trabalho sobre a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla em inglês), tendo como intento compreender o contexto histórico e sociopolítico que contribuiu para o processo de integração regional, vivenciado entre 1970 e 1992. Baseados em pesquisa documental, os autores argumentam que o bloco surgiu com o propósito de combater as agressões dos regimes racistas e segregacionistas de minorias brancas – particularmente a hegemonia da política do *apartheid* sul-africano – na região. A iniciativa reforçou a solidariedade e a cooperação entre os países do bloco, se estendendo por quase todo o continente africano.

O artigo que encerra esta edição trata das relações entre a China e o Irã, em uma conjuntura de expansão do império estadunidense, após os atentados de 11 de setembro de 2001. Ao explorar as contradições decorrentes das sanções impostas pelos Estados Unidos e seus aliados à Teerã, a equipe interdisciplinar de pesquisadores coordenada por Diego Pautasso, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), evidencia a emergência de novas configurações de poder no Oriente Médio e na Eurásia, cujo grande beneficiário tende a ser a iniciativa chinesa de integrar a região através da Nova Rota da Seda.

Agradecemos as contribuições dos autores desta edição, com atenção especial para três de nossos membros do Conselho Consultivo, os quais muito nos honram com suas produções: Daniel Zirker, Otávio Velho e Pierre Salama.

Desejamos uma proveitosa leitura.

Os editores.